

UMA DISCUSSÃO SOBRE IDEOLOGIA E OUTROS CONCEITOS NA SÉRIE 3%

A DISCUSSION OF IDEOLOGY AND OTHER CONCEPTS IN THE 3% SERIES

Ana Claudia Nogueira Marques¹

MARQUES, A. C. N. Uma discussão sobre ideologia e outros conceitos na série 3%. **Akrópolis** Umuarama, v. 27, n. 2, p. 183-192, jul./dez. 2019.

DOI: 10.25110/akropolis.v27i2.7674

RESUMO: O presente trabalho tem como principal objetivo discutir alguns conceitos dentro dos estudos da Análise de Discurso, como Ideologia, Aparelhos Reflexivos e Ideológicos do Estado e Formação Ideológica e Discursiva. Além de haver essa discussão, há também uma tentativa de equiparação dos conceitos com uma forma de entretenimento, a série 3% totalmente brasileira e produzida pela Netflix. No artigo, não há uma tentativa de análise do corpus, apenas uma comparação entre algumas cenas do seriado e os conceitos propostos por estudiosos da área citada. Para discutir os conceitos, houve um embasamento nas teorias de Karl Marx (1988 e 2002), Louis Althusser (1980), Michel Pêcheux (1995) e Eni Orlandi (2012). Como justificativa para esse trabalho, assinalo a grande quantidade de formas de entretenimento que estão sendo baseadas em distopias, nas quais são trabalhados esses conceitos. Muitas dessas formas foram reconhecidas mundialmente, ganhando uma legião de fãs e uma coleção de prêmios relacionados ao cinema. Sendo que, os filmes e séries produzidos com essa premissa tem um grande alcance ao público jovem, por essa razão, acredito que seja interessante discutir sobre os conceitos nos baseando em uma dessas produções.

PALAVRAS-CHAVE: Ideologia; Aparelhos Reflexivos do Estado; Aparelhos Ideológicos do Estado; série 3%.

ABSTRACT: This work has the purpose of discussing some concepts within the Discourse Analysis studies, such as Ideology, Reflective and Ideological Apparatus of the State, and Ideological and Discursive Formation. In addition to this discussion, there is also an attempt to equate concepts with a form of entertainment, the totally Brazilian Netflix series 3%. The article does not attempt to analyze the corpus, only to compare some scenes of the series and the concepts proposed by scholars in the area. To base the discussion on the concepts, the theories by Karl Marx (1988 and 2002), Louis Althusser (1980), Michel Pêcheux (1995), and Eni Orlandi (2012) were used. As justification for this work, it can be emphasized the great amount of forms of entertainment being based on dystopias, in which those concepts are worked out. Many of these forms have been recognized worldwide, earning a legion of fans and a collection of awards in the cinema. Since the films and series produced with this assumption have a great reach to the young audience, it is believed that the concepts must be discussed based on one of these productions.

KEYWORDS: Ideology; Reflexive State Apparatus; Ideological Apparatus of the State; series 3%.

¹Mestre pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) na área de Estudos Linguísticos no campo de Ensino e Aprendizagem de Línguas. Graduada em Letras Inglês (2017) pela mesma universidade.
E-mail: ananogueeiira@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O conceito de Ideologia é muito utilizado em várias situações diferentes, porém é complicado encontrar seus sentidos. Sendo que, este termo possui diversos significados, por exemplo, no senso comum é tido como algo ideal, que contém um conjunto de ideias, pensamentos, doutrinas ou visões de mundo de um indivíduo ou de determinado grupo, orientado para suas ações sociais e políticas. Diversos autores utilizam o termo sob uma concepção crítica, considerando que ideologia pode ser um instrumento de dominação que age por meio de convencimento, persuasão, e não da força física, alienando a consciência humana. O termo ideologia foi usado pela primeira vez de forma marcante pelo filósofo Antoine Destutt de Tracy em 1801 e o conceito de ideologia foi muito trabalhado pelo filósofo alemão Karl Marx, que ligava a ideologia aos sistemas teóricos (políticos, morais e sociais) criados pela classe social dominante.

Sendo assim, fizemos uso dos pensamentos de Karl Marx, relidos por Louis Althusser, relidos, então, por Michel Pêcheux, sobre, principalmente, ideologia. O conceito aparece em Marx (2002) como equivalente de falsa consciência, ilusão, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real. Entretanto, no marxismo posterior à Marx, sobretudo na obra de Lênin, ganha um outro sentido, que seria qualquer concepção da realidade social ou política, vinculada aos interesses de certas classes sociais particulares. Entretanto, relendo Marx, Louis Althusser chegou à conclusão que haveria dois tipos de ideologia, a primeira sendo a Ideologia Geral que está presente em todas as atividades humanas, e as ideologias no plural que são determinadas pela luta de classes. Althusser, em sua obra *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1980) também estudou sobre o Aparelho (reflexivo) do Estado e sobre o Aparelho Ideológico do Estado, que funcionam simultaneamente pela repressão e pela ideologia.

Hoje em dia, podemos encontrar várias esferas que tratam sobre a ideologia, esferas que vão além da escolar e acadêmica, sendo assim, falaremos um pouco sobre a do entretenimento. Com o passar dos anos, os jovens ficam cada vez mais conectados com a tecnologia e passam mais tempo assistindo televisão e surfando na internet. Conseqüentemente, eles

assistem mais filmes e seriados, principalmente por meio de uma plataforma chamada Netflix na qual, mediante uma assinatura e pagamento mensal, você tem acesso a milhares de filmes e seriados classificados em diversos gêneros, que além de disponibilizá-los mesmo sendo de outras franquias, também tem suas próprias produções. Uma delas que chamou bastante atenção dos brasileiros foi o seriado 3%, justamente por ser produzido no Brasil.

Esse seriado se passa em um futuro pós-apocalíptico não muito distante, onde o planeta é um lugar devastado. O Continente é uma região do Brasil miserável, decadente e escassa de recursos. Aos 20 anos de idade, todo cidadão recebe a chance de passar pelo Processo, uma rigorosa seleção de provas físicas, morais e psicológicas que oferece a chance de ascender ao Mar Alto, uma região onde tudo é abundante e as oportunidades de vida são extensas. Entretanto, somente 3% dos inscritos chegarão até lá. O resto da população vive no Continente, na miséria, refém da pequena parcela da população mantenedora desse cenário de forte segregação social. O mundo digno é exclusivo às pessoas mais merecedoras. A meritocracia repetida como mantra pelo líder do Processo, Ezequiel (João Miguel), é a questão principal da série, e é explorada com uma dualidade interessante. Na maior parte do tempo, os concorrentes são mesmo avaliados e analisados justamente. O mérito não é o problema. Desumana é a existência de um estado de coisas tão desigual, bem como a seleção de quem poderá viver dignamente ou não. Mostrar que a elite que discursa sobre a justiça do Processo é a mesma que promove o injusto *status quo* da sociedade é um recado importante.

Dito isso, o objetivo deste trabalho é discutir os conceitos de ideologia, formações ideológicas e os aparelhos repressivo e ideológico do Estado, equiparados a uma forma de entretenimento, que é o seriado 3%, e tentar observar como esses conceitos aparecem dentro no mundo cinematográfico sequencial. A justificativa de produzir o estudo deve-se a inquietação sobre a quantidade de filmes ou séries, desde os *blockbusters* até os *cults*, que envolvem temas como esses supracitados. Além disso, entretenimento que trata sobre conceitos advindos de pensadores e filósofos podem ser uma maneira de despertar o interesse de seu público alvo, geralmente constituído de jovens, a respeito do assunto.

2 IDEOLOGIA

O termo foi utilizado pela primeira vez em 1801 por Antoine-Louis-Claude Destutt, o conde de Tracy, que foi um filósofo, político, soldado francês e líder da escola filosófica dos Ideólogos. Ele criou o termo *idéologie* no tempo da Revolução Francesa, com o significado de ciência das ideias, tomando-se ideias no sentido bem amplo de estados de consciência. Exilado em Bruxelas, o filósofo começou a publicar *Éléments D'Idéologie*, durante os anos de 1801 e 1815, em 4 volumes, postulando a fundação de um original campo de estudos destinado a formar a base de todas as ciências: a ciência das ideias. O projeto desta ciência era o de tratar as ideias como fenômenos naturais que exprimiam a relação entre o homem, organismo vivo e sensível e o seu meio natural de vida. Assim, para ele, o que o estudo da ideologia possibilitava o conhecimento da verdadeira natureza humana ao perguntar de onde provinham nossas ideias e como se desenvolviam. Poucos anos depois dessa publicação, o termo ideologia adquiriu uma conotação pejorativa, a ponto de a disciplina Ciência Moral e Política, ser proibida no *Institut de France* (1812) por Napoleão Bonaparte, que pragmaticamente preferia a força dos canhões a das palavras, que acusou o autor e outros professores da citada disciplina, de pregarem oposição ao seu governo.

Anos mais tarde, um filósofo, sociólogo, jornalista e revolucionário socialista chamado Karl Marx (1818 – 1883) criou teorias sobre a sociedade, a economia e a política que sustentam que as sociedades humanas progredem por meio da luta de classes, uma controladora dos meios de produção e a outra trabalhadora que fornece a mão de obra para essa produção. Além disso, previu que o capitalismo produziria tensões internas que conduziram à sua substituição pelo socialismo, sendo que argumentava que a oposição entre a burguesia e o proletariado seria consequência de uma guerra eterna ao longo da história. O conceito de ideologia aparece em Marx, na sua obra *A ideologia alemã* (2002) como equivalente de ilusão, falsa consciência, concepção idealista na qual a realidade é invertida e as ideias aparecem como motor da vida real. Para o autor, ideologia é um conjunto de proposições elaboradas, na sociedade burguesa, com a finalidade de fazer aparentar os interesses da classe dominante com o interesse

coletivo, construindo uma hegemonia daquela classe. Marx (2002), em seus estudos, acreditava que a ideologia fica na superestrutura da sociedade, juntamente com a religião, mídia, cultura, política, família, educação, que é mantida por uma base onde encontra-se a economia, as relações e os meios de produção. Sendo assim, todas as atividades praticadas pelo homem estão investidas de ideologia, por uma adesão consciente ou inconsciente ao conjunto de representações.

Para Marx, a ideologia tratava-se do meio pelo qual as ideias da classe dominante pareciam reais e naturais aos olhos do povo.

As representações, o pensamento, o comércio intelectual dos homens surge aqui como emanção directa do seu comportamento material. O mesmo acontece com a produção intelectual quando esta se apresenta na linguagem das leis, política, moral, religião, metafísica, etc., mas os homens reais actuaes e tais como foram condicionados por um determinado desenvolvimento das suas forças produtivas e do modo de relações que lhes corresponde, incluindo as formas mais amplas que estas possam tomar. A consciência nunca pode ser mais que o Ser consciente; e o ser dos homens é o seu processo da vida real. (MARX, ENGELS, 1932-1976)

Segundo o filósofo, a classe trabalhadora era levada a entender-se como classe, por classes com interesses econômicos, políticos e sociais que lhes eram ativamente impostos, ou seja, num estado de falsa consciência subentendida como natural, embora não o fosse. Por não ter uma consciência real das suas necessidades, o homem não conseguia sair das suas condições materiais de vida, em outras palavras, havia uma falsa consciência do mundo material. As pessoas entendem o seu comportamento na sociedade como um conjunto de regras sociais formadas pela própria sociedade, e não como algo originalmente biológico ou natural. Essa teoria de Marx explica a razão por que várias sociedades capitalistas defendiam características e ideologias, e respeitavam e cumpriam leis sociais que só as desfavoreciam. Porém, foi ficando claro ao longo do século XX que não haveria fatores que derrubassem o capitalismo, embora continuasse a desfavorecer e a deixar muitas

pessoas insatisfeitas.

Nos anos 70, Louis Althusser e outros marxistas juntaram alguns aspectos ao conceito de ideologia outrora criado por Marx. Para Althusser (1980), ao contrário da Ideologia Alemã de Marx, a ideologia é antes de tudo uma das instâncias de formação social, sendo que a sociedade é formada por três instâncias: econômica, jurídico-política e ideológica. Logo, a ideologia é parte orgânica e estrutural da sociedade, por essa razão, não há como conceber sociedade sem ideologia. Ela está dividida em regiões, por exemplo, moral, religiosa, filosófica, entre outras, possuindo diferentes graus de formalidade, ou seja, pode ser expressa por atos, regras e teorias. Também possui uma função social, sendo ela aplicada a todas as sociedades, com ou sem classe, assegurando a coesão dos indivíduos na sociedade, determinando o papel social de cada um, ou aplicada as sociedades divididas em classes, assegurando a dominação de uma classe sobre as outras. Além disso, segundo o filósofo, a ideologia concede uma representação falseada do real pois, faz alusão ao real, mas o que ela oferece, de fato, não é o real. Ela também possui uma tendência de classe, ou seja, se a classe trabalhadora pensa e age a partir dos quadros de referência da ideologia da classe dominante, a ideologia da classe operária não pode libertar-se sozinha.

Portanto, Althusser (1980) desenvolve sua tese sobre a ideologia interpellando os indivíduos em sujeitos, essa tese tem por finalidade explicitar que toda ideologia existe pelo sujeito e para os sujeitos. De acordo com o filósofo, o sujeito incide no conceito de ideologia, e ela constitui o sujeito, ou seja, eles são mutuamente constitutivos, como na citação abaixo:

A categoria de sujeito é constitutiva de toda a ideologia, mas ao mesmo tempo e imediatamente acrescentamos que a categoria de sujeito só é constitutiva de toda a ideologia, na medida em que toda a ideologia tem por função (que a define) 'constituir' os indivíduos concretos em sujeitos. É neste jogo de dupla constituição que consiste o funcionamento de toda a ideologia, pois que a ideologia não é mais que o seu próprio funcionamento nas formas materiais da existência deste funcionamento (ALTHUSSER, 1980, p. 94).

É impossível existir um sujeito sem sociedade e sem ideologia que sempre o interpellará para se tornar sujeito. Dessa forma, não se trata somente de um sujeito, mas de um sempre-já sujeito, pois antes mesmo do nascimento, um indivíduo é inserido dentro de relações que lhe são estranhas e é interpellado a todo instante para assumir-se como sujeito em infinitas situações. Nas palavras de Orlandi (2012), “não há discurso sem sujeito. E não há sujeito sem ideologia. Ideologia e inconsciente estão materialmente ligados”, ou seja, eles estão ligados, pois um depende do outro.

Sendo assim, Althusser estipula algumas hipóteses para esclarecer suas ideias sobre ideologia. A primeira dela é que a ideologia representa a relação imaginária entre os indivíduos com suas condições reais de existência, ou seja, para ele, a ideologia não reflete o mundo real, mas representa essa relação imaginária. Em outras palavras, nós estamos dentro da ideologia por dependermos da linguagem para estabelecer nossa realidade, diferentes ideologias são diferentes representações da nossa realidade social e imaginária, não uma representação do real em si.

A segunda hipótese diz que a ideologia possui uma existência material, ou seja, Althusser afirma que a ideologia compreende uma existência material, pois “uma ideologia sempre existe em um aparelho, em sua prática ou de práticas” (ALTHUSSER, 1980). Ela sempre se manifesta por meio de ações, que estão inseridas em práticas, por exemplo, rituais, comportamentos convencionais etc.

A ideia de que os indivíduos são sempre sujeitos é a terceira hipótese, Althusser deixa bem claro que o “tornar-se-sujeito” ocorre antes mesmo de nós nascermos. Como ele declarou, “o indivíduo é interpellado como um sujeito (livre) para que ele possa obedecer livremente às ordens daquele que formula sua sujeição, ou seja, para que sua sujeição seja aceita (livremente). Para que ele faça os gestos e as ações de sua sujeição sozinho (de livre e espontânea vontade)” (ALTHUSSER, 1980).

3 OS APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO

Em 1970, Louis Althusser publicou o livro intitulado *Ideologia e os aparelhos ideológicos do Estado*, no qual ele escolhe o Estado como

primeiro alvo de análise para passar do descritivo para a teoria sob o ponto de vista da reprodução. O Estado, assim, é um aparelho de Estado que se define na luta de classes como arma da burguesia e seus aliados contra o proletariado. Esta é sua função fundamental. Sua existência, por sua vez, dentro do aparelho de Estado, só faz sentido “em função do poder de Estado” (ALTHUSSER, 1980, p. 36). Ou seja, a luta de classes política gira em torno da tomada do poder de Estado, que não se confunde com o aparelho de Estado, mas tomar o poder de Estado é visar controle sobre o aparelho de Estado, apesar de ser possível tomar o poder de Estado sem modificar o funcionamento de parte do aparelho estatal, como Lênin denunciou após a revolução de 1917.

Junto do aparelho (repressivo) de Estado, há também os *aparelhos ideológicos de Estado* (AIE). O último funciona por meio da violência, compreende

o Governo, a Administração, o Exército, a Polícia, os Tribunais, as Prisões, etc., que constituem aquilo a que chamaremos a partir de agora o Aparelho Repressivo de Estado. Repressivo indica que o Aparelho de Estado em questão ‘funciona pela violência’, – pelo menos no limite (porque a repressão, por exemplo, administrativa, pode revestir formas não físicas). (ALTHUSSER, 1980, p. 43)

Já o primeiro, os AIE, são compostos por um certo número de realidades que se apresentam ao observador como instituições distintas. Althusser enumera alguns: o AIE religioso, que é o sistema das diferentes igrejas; o AIE escolar, que compreende o sistema das diferentes escolas públicas e particulares; o AIE familiar; o AIE jurídico; o AIE político, que compreende o sistema político com os diferentes partidos; o AIE da informação, como a imprensa, o rádio, a televisão e etc.; entre diversos outros.

Os AIE não se confundem com o aparelho (repressivo) de Estado. Primeiramente, os AIE são plurais, já o A@E é único. Além disso, é possível constatar que, enquanto o aparelho (repressivo) de Estado pertence ao domínio público, os AIE se dispersam no domínio privado. Entretanto, o fato dos AIE serem de domínio privado não implica em seu funcionamento não ter o viés da classe dominante, que detém o poder estatal.

Acima, falamos que os aparelhos repressivos de Estado funcionam pela violência e que essa é sua característica. Os AIE, por sua vez, funcionam pela ideologia. Esse funcionamento não é exclusivo, ou seja, um aparelho repressivo funciona predominantemente pela violência, mas também em menor grau, através da ideologia. Ao mesmo tempo, as escolas, aparelhos ideológicos por excelência, funcionam através da ideologia, mas dispõem de um conjunto de métodos de exclusão e castigo para reformar aqueles que desobedecem suas regras.

Por não serem unificados e centralizados numa unidade de comando, os AIE são campos de contradições da luta de classes mais aparentes e neles é possível ver o resultado do choque das classes em luta. Essa reprodução das relações de produção é assegurada mediante exercício da hegemonia da classe dominante feito pelo uso do Aparelho Repressivo de Estado e dos Aparelhos Ideológicos de Estado.

Para Althusser (1980), os Aparelhos repressivos de Estado funcionam pela violência para garantir, em última instância, a reprodução das relações de exploração no Estado capitalista e, também, para garantir as condições políticas do funcionamento dos Aparelhos Ideológicos de Estado. Esses, por sua vez, asseguram a maior parte da reprodução das relações de produção, protegidos pelo Aparelho repressivo de Estado. É através da ideologia dominante que o A@E e os AIE mantêm uma certa harmonia que garante a proteção de um pelo outro.

4 FORMAÇÃO IDEOLÓGICA E FORMAÇÃO DISCURSIVA

O conceito de formação ideológica é incorporado na primeira fase da análise do discurso e tem como ponto de partida o trabalho de Althusser, mais especificadamente a concepção de discurso como uma das instâncias em que a materialidade ideológica se concretiza. Como dito antes, a ideologia funciona na reprodução das relações de produção, pela interpretação ou assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. Cada indivíduo seria levado a ocupar seu lugar em um dos grupos ou classes de uma determinada formação social, mesmo que ele tenha a impressão de ser senhor de sua própria vontade. Portanto, as formações ideológicas são um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais nem uni-

versais, mas se relacionam diretamente com as posições de classe em conflito. Caracterizam-se por serem elementos capazes de intervir como uma força em confronto com as outras, na conjuntura ideológica de uma determinada formação social. De acordo com Orlandi (2012),

As palavras, expressões, proposições, etc, mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referências às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem.

Cada formação ideológica comporta, para Pêcheux, uma ou várias formações discursivas interligadas. As formações discursivas determinam

o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma posição dada numa conjuntura dada: o ponto essencial aqui é que não se trata apenas da natureza das palavras empregadas, mas também (e sobretudo) de construções nas quais essas palavras se combinam [...] as palavras “mudam de sentido” ao passar de uma formação discursiva a outra. (HAROCHE, PÊCHEUX, 2017)

Neste primeiro momento, no artigo de 1971, o conceito de formação discursiva se fecha na citação acima, entretanto, já em 1975, em *Semântica e Discurso*, Pêcheux relaciona a formação discursiva com o interdiscurso, que lhe dá gás teórico e analítico para explicar a dissimulação da formação discursiva. Essa se coloca como verdadeira na medida em que ela própria constitui os indivíduos em sujeitos e, assim, também faz ser verdadeira a condição da forma-sujeito. As formações discursivas definem-se como “aquilo que, numa formação ideológica dada, [...] determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1995). Para Pêcheux (1995), mais que analisar as formações ideológicas por sua relação de classes é preciso considerar seu caráter regionalizado, que faz com que elas se referem às mesmas coisas de modo diferente, é o caráter de classe que elas possuem faz com que se referem simultaneamente às mesmas coisas.

Para Orlandi (2012), “as formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas realizações”.

O interdiscurso é o “todo complexo com dominante” das formações discursivas, portanto, é aquilo que está na diferença entre elas, que se situa em seus pontos de troca, de relação. A configuração do todo complexo com dominante é o interdiscurso e as regras do interdiscurso determinam as formações discursivas. Ao mesmo tempo, é por meio do interdiscurso que o funcionamento da Ideologia em geral, interpelando indivíduos em sujeitos, se realiza. O interdiscurso constitui aquilo que determina o discurso do sujeito e, no processo discursivo, é reinscrito no próprio sujeito. É no interdiscurso que o indivíduo se torna sujeito e é lá que a memória discursiva e o pré-construído se situam.

A partir dessas considerações teóricas fundadoras dessa teoria discursiva, entendemos que o sentido pode ser estabelecido na remissão da materialidade da linguagem às formações discursivas, que, por sua vez, representam, no discurso, as formações ideológicas. Pêcheux (1995) afirma que precisamos observar o modo como o discurso materializa o ideológico, tese esboçada, mas não desenvolvida, em Althusser.

5 SÉRIE

Na série 3%, a primeira totalmente brasileira produzida pela Netflix, um Brasil pós-apocalíptico se divide entre 3% de privilegiados que passam por um teste chamado “O Processo” e vão morar no Maralto, espécie de éden artificial, enquanto os outros 97% vivem com quase nada, como favelados. Criada por estudantes de comunicação da USP em 2009 e levada ao ar no YouTube em 2011 no formato de websérie, 3% caiu no gosto de parte do público ávido por ficção científica distópica ao estilo “Jogo Vorazes” e “Divergente”. O piloto da série discutia questões como os processos de seleção aos quais somos submetidos ao longo da vida, como o vestibular, que podem mudar nosso destino graças a uma questão errada, ou um dia em que não estivéssemos tão bem. Porém, a série vai além. Apesar de mostrar um Brasil adiantado mais de cem anos no futuro, a ideia é tratar de temas atuais, por exemplo, a meritocracia. Os criadores do Processo defendem que não existe sistema mais justo. Embora a primeira vista,

uma seleção que exclua 97% de seus participantes, os condenando à pobreza permanente, pareça injusto, o Processo não faz nenhum tipo de distinção entre os aprovados. Ao chegar os 20 anos de idade, todos devem participar.

Meritocracia é algo relativamente novo. O termo foi criado pelo britânico Michael Young em 1958, no livro *The Rise of Meritocracy* (A Ascensão da Meritocracia), uma obra de ficção que não era exatamente simpática ao conceito. Mas quando se pensa na alternativa, e é o que vemos constantemente no Brasil, nada a supera. Nos primeiros tempos da República, quando imperava o nepotismo, o compadrio, o estado brasileiro era ineficiente e só não gastava mais porque ainda não tinha o tamanho que possui atualmente. Segundo o criador, Pedro Aguilera, na hora de buscar inspiração para o projeto buscou obras clássicas, como *1984* de George Orwell e *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, que deixam vestígios na produção. A surpresa veio quando um dos executivos da Netflix assistiu aos episódios e resolveu apostar suas fichas nele.

Neste futuro, não tão brilhante, tudo está dividido entre dois mundos, completamente opostos. De um lado o Continente, do outro o Maralto. Para chegar nessa promessa de paraíso, todos têm apenas uma chance. Aos 20 anos, todos os cidadãos têm o direito de participar do Processo, um rigoroso sistema de seleção que promete escolher as melhores pessoas para serem parte do Mar Alto. A série começa justamente mostrando o Processo, que chega a ser cruel em boa parte do tempo. Para vivenciar esses testes, que envolvem tanto questões físicas como psicológicas, cinco jovens personagens recebem mais atenção das câmeras. Já para mostrar o lado dos privilegiados, em um prédio futurista no meio do que resta da maior floresta tropical do mundo, conhecemos os privilegiados, parte dos 3%, responsáveis por escolher quem vai e quem fica.

De modo geral, as distopias apresentam um lugar comum: em um lugar indeterminado no futuro, a sociedade é composta por um povo oprimido e liderado por um governo tirânico, até que alguém questiona o *status quo* e busca de alguma forma mudá-lo ou denunciá-lo. Embora a distopia se situe no futuro, ela dialoga com o presente, servindo como alerta sobre como pode ser ruim uma sociedade onde governo, tecnologia ou determinado aspecto social subjuga

toda a sociedade. Em geral, esse tipo de narrativa tende a pender para uma ideologia predominantemente de esquerda. Uma das críticas é justamente sobre a meritocracia, que a princípio parece ser a grande questão do filme. Quando lemos a sinopse e assistimos aos primeiros capítulos, a primeira impressão é que a meritocracia será explorada como um ponto negativo da sociedade. Ao ver pessoas eliminadas de forma, muitas vezes, injusta pelo processo de seleção, típico daqueles aplicados em grandes empresas, a reação de quem está assistindo tende a ser de compaixão e torcida pela superação da injustiça.

Todavia, em 3% essa injustiça parece ser premiada. Quem vence os processos de seleção não os vence exatamente pelo seu merecimento, mas, sobretudo, pela sua esperteza, algo que, de forma geral, também não difere muito também do que muitas empresas procuram. De maneira geral, a mensagem que fica é que todo o processo de recrutamento, por mais cruel e injusto que seja, é fundamental para o bom andamento da sociedade, não importando que para isso você precise trapacear e trair seus companheiros. A história endossa, do início ao término, que bondade e altruísmo não são mais importantes para a sociedade que a esperteza e perspicácia, consequentemente passando por cima de questões éticas.

Como contraponto ao *status quo*, temos *A Causa*, como é chamado o grupo de rebeldes. Embora com um peso significativo na trama, não é desenvolvida de forma a apresentar-se como ameaça. Além de não apresentar nenhum contraponto ao processo e sociedade, seus integrantes são apresentados como fracos, mentirosos e de mau caráter. Além disso, mesmo os personagens que parecem comprometidos, em dado momento parecem mudar e apoiar o lado que no princípio os oprimia. À medida que os participantes vencem as provas e avançam, percebem aos poucos que, para se moldar à sociedade utópica pela qual disputam, devem abandonar suas ideologias, assim como todo um passado.

Neste ponto, podemos perceber, já no último capítulo, a cristalização do ideal da série ao apresentar um personagem chave como ex-integrante da causa que diz “Já há muito tempo abandonei essa ideologia infantil, pois não existem justificados nem injustificados, mas aqueles que tem mérito e os que não tem”. Tal argumen-

to cristalizado não oferece qualquer resistência pela trama proposta. Esse argumento é justamente, com uma ou outra variação, o discurso defendido pelas pessoas que defendem princípios próximos da direita, sobretudo quando criticam ideologias de esquerda, como o socialismo, que procura denunciar a injustiça embutida nesse tipo de ideal.

Os Aparelhos Repressivos e Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1980) podem aparecer nos personagens quando lutam contra certas ideologias vindas da família, dos amigos ou do processo. Por exemplo, o personagem Fernando Carvalho, interpretado por Michel Gomes, é um cadeirante que conseguir chegar até o último teste do processo, no qual os participantes ficam presos em um quarto sozinhos com uma enorme quantia em dinheiro que poderia mudar a vida da sua família que ficou para trás. Portanto, precisam decidir se querem entrar no Maralto ou se querem ficar com o dinheiro e voltar para onde eles moravam. Entretanto, eles nunca mais teriam a chance de fazer o processo novamente. Porém, de repente, um membro da família de cada um entra no quarto para ajudá a tomar essa decisão. Fernando, que é cadeirante, tinha em mente que gostaria de ficar com o dinheiro e voltar para ajudar seu pai, contudo, seu pai entra no quarto e obriga ele a continuar o processo, deixar tudo para trás e entrar no Maralto.

O outro personagem principal Rafael Moura, interpretado por Rodolfo Valente, não se deixa abater pela sua mãe, já que tudo o que ele sempre sonhou foi entrar no Maralto para construir uma família com dignidade, sem passar por todos os problemas que ele e sua família passaram. Apesar disso, ao passar para o Maralto, ele descobre que para entrar lá é necessário passar por um processo de esterilização, para que não haja reproduções dentro do paraíso, pois lá há apenas os dignos que entraram pelo seu mérito, e não por um laço sanguíneo.

A última personagem principal que foi focalizada pelas câmeras é Michele Santana, interpretada por Bianca Comparato. Durante todo o processo descobrimos que ela é uma pessoa infiltrada participante da Causa que tem como objetivo destruir o processo e matar seu fundador, Ezequiel, porque acha o processo inválido e desumano. Ela ultrapassa todos os testes desenvolvidos com maestria, mesmo sendo participante de uma outra ideologia que seria contrária ao do processo. No decorrer da história, vemos

que além de participar do processo, ela precisa esconder sua real identidade e suas ideologias contrárias. Porém, isso muda quando ela e outra menina, que a considerava amiga antes de entrar, são capturadas porque acreditam que uma delas é da Causa. Para escapar dessa situação, Michele mata sua amiga e diz que foi por legítima defesa, porém meses depois, ela é obrigada por um dos testes a conversar com os pais de sua amiga e tentar convencê-los a colocarem a próxima filha como participante do processo. Para tal tarefa, Michele mente para eles e diz que o processo é uma ótima chance para mudar de vida. Após o teste, ela chora, porque acredita que a ideologia da Causa não foi forte o suficiente para aguentar a ideologia e todos os testes presentes no Processo. Entretanto, no teste do dinheiro, ela quebra o recipiente e acaba sendo capturada por ser uma das suspeitas a tentar envenenar Ezequiel, que descobre, finalmente, que ela é uma das integrantes da Causa.

No final da primeira temporada, o único que entra para o Maralto é Rafael, pois Michele foi capturada e está sendo torturada em troca de informações sobre a Causa. Fernando consegue convencer seu pai que ficar e entrar para os 3% é a melhor escolha, porém, ao saber que Michele fugiu, mentira contada por Ezequiel, ele foge também e se encontra em um lugar desconhecido, sendo que lá não é o Maralto e nem o lugar onde eles viviam antes. No decorrer da série, podemos identificar como cada pessoa pensa e age em certas situações de pressão física e psicológica, como sua índole e suas ideologias são testadas e como eles conseguem passar cada teste.

Portanto, embora o tipo de argumento que a primeira temporada de 3% explora, o universo das distopias de ficção científica, geralmente abordem o argumento pelo viés da ideologia da esquerda, a série apresenta argumentos voltados para uma ideologia mais próxima da direita, defendendo a meritocracia e o abandono de ideias que busquem o bem social da maioria. Embora não concorde com o argumento, tenho que admitir que é um discurso novo para ser explorado nesse tipo de trama. Você termina o oitavo capítulo sentindo-se feliz por aqueles que conseguiram cumprir o percurso proposto com eficiência, ao invés de penalizado por ver que, novamente, os sistemas de controle do Estado continuaram privilegiando uma minoria, enquanto a grande maioria continuará sem nenhuma

mudança. Essa foi a mensagem passada pela primeira temporada. Talvez, o próximo ano traga alguma contra-argumentação, mas só o futuro dirá o que os realizadores planejam para essa trama.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje em dia há muitas produções cinematográficas que abordam temas como os apresentados nesse trabalho, fazendo com que eles alcancem o público jovem, público esse que seria menos propenso a procurar e estudar esses assuntos por conta própria. Portanto, as empresas que criam roteiros para o cinema e para a adaptação seriada desenvolveram uma estratégia para que os jovens que mais assistem esse gênero tivessem acesso ao conteúdo explanado. Já que, os conceitos como Ideologia, Formação Discursiva e Ideológica, Aparelhos Repressivos e Ideológicos do Estado e Meritocracia não são conceitos muito presentes no dia a dia das pessoas ultimamente, muito menos a aos jovens, abarcar esses temas em filmes e séries atuais é uma ótima ideia para que a audiência se aproxime do que está sendo relatado. Além disso, as premissas desse novo gênero de entretenimento podem ser adotadas nos dias atuais, levando os telespectadores a questionar o que está acontecendo em sua cidade, estado, país e até, no mundo. Por exemplo, a processo seletivo que é tema principal da série 3% pode ser comparado aos diversos processos que um ser humano pode enfrentar ao longo de sua vida, como o vestibular, uma seletiva de emprego, um concurso público, entre outros.

Fazer uma relação entre o entretenimento e conceitos como os da Análise do Discurso pode fazer com que essa aproximação do indivíduo com essas definições se torne mais prazerosa e visual, já que, eles não estão dissociados do mundo, pelo contrário, esses conceitos aparecem em toda parte, nas relações entre homem e homem, homem e mundo, homem e ele mesmo. A Ideologia está em todo lugar, e não podemos nos separar dela, nós, como sujeitos já somos interpelados por ela, (ALTHUSSER, 1980). Então, devemos entendê-la e questioná-la para não deixar que o sistema nos faça como ovelhas que precisam seguir o seu pastor. Sendo assim, é de extrema importância levar essas concepções ao público jovem, para que eles consigam refletir sobre o mundo e sobre todas

as relações possíveis que existentes entre eles, à sociedade e o sistema, etc. Refletindo sobre essas questões, podemos nos indagar sobre outras atuais como nossa política, educação, sistema legislativo e assim, nos perguntar se iremos aceitar a nossa conjuntura atual, ou se podemos interrogá-la e buscar mudanças, pequenas que sejam, para que possamos viver em um mundo verdadeiramente mais justo, em um país mais democrata e em uma sociedade com mais características igualitárias.

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 3. ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.

HAROCHE, C.; PÊCHEUX, M.; HENRY, P. **A Semântica e o Corte Saussuriano**: Língua, Linguagem, Discurso. *Linguagem – Revista Eletrônica de Popularização Científica em Ciências da Linguagem*. Disponível em: <https://goo.gl/j35QRE>. Acesso em: 2 de set. 2017.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: Princípios e procedimentos. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

UNA DISCUSIÓN SOBRE IDEOLOGÍA Y OTROS CONCEPTOS EN LA SERIE 3%

RESUMEN: Esta investigación tiene como principal objetivo discutir algunos conceptos dentro de los estudios del Análisis del Discurso, como Ideología, Aparatos Reflexivos e Ideológicos del Estado y Formación Ideológica y Discursiva. Además de haber esa discusión, hay también una tentativa de equiparación de los conceptos con una forma de entretenimiento, la serie 3% totalmente brasileña y producida por Netflix. En el artículo, no hay una tentativa de análisis del corpus, solamente una comparación entre algunas escenas del seriado y los conceptos propuestos por estudiosos del área mencionada. Para discutir los conceptos, se ha basado en las teorías de Karl Marx (1988 y 2002), Louis Althusser (1980), Michel Pêcheux (1995) y Eni Orlandi (2012). Como justificativa para esa investigación, se ha señalado

MARQUES, A. C. N.

la gran cantidad de formas de entretenimiento que están siendo basadas en distopías, en las cuales son trabajados esos conceptos. Muchas de esas formas reconocidas mundialmente, ganando una legión de fanes y una colección de premios relacionados al cine. Siendo que, las películas y series producidas con esa premisa tienen un gran alcance al público joven, por esa razón, creo que sea interesante discutir sobre los conceptos, basándonos en una de esas producciones.

PALABRAS CLAVE: Ideología; Aparatos Reflexivos del Estado; Aparatos Ideológicos del Estado; Serie 3%.